

### O tempo e suas medidas

<sup>1</sup>O homem vive dentro do tempo, o tempo que ele preenche, mede, avalia, ama e teme. Para marcar a passagem e as medidas do tempo, inventou o relógio. A palavra vem do latim *horologium*, e <sup>2</sup>se refere a um quadrante do céu que os antigos aprenderam a observar para se orientarem no tempo e no espaço. <sup>3</sup>Os artefatos construídos para medir a passagem do tempo sofreram ao longo dos séculos uma grande evolução. No início <sup>4</sup>o Sol era a referência natural para a separação entre o dia e a noite, mas depois os relógios solares foram seguidos de outros que vieram a utilizar o escoamento de líquidos, de areia, ou a queima de fluidos, até chegar aos dispositivos mecânicos que originaram as pêndulas. <sup>5</sup>Com a eletrônica, surgiram os relógios de quartzo e de césio, aposentando os chamados “relógios de corda”. O mostrador digital que está no seu pulso ou no seu celular tem muita história: tudo teria começado com a haste vertical ao sol, que projetava sua sombra num plano horizontal demarcado. <sup>6</sup>A ampulheta e a clepsidra são as simpáticas bisavós das atuais engenhocas eletrônicas, e até hoje intrigam e divertem crianças de todas as idades.

<sup>7</sup>Mas a evolução dos maquinismos humanos <sup>8</sup>que dividem e medem as horas não suprimiu nem diminuiu a preocupação dos homens com o Tempo, <sup>9</sup>essa entidade implacável, sempre a lembrar a condição da nossa mortalidade. Na mitologia grega, o deus Chronos era o senhor do tempo que se podia medir, por isso chamado “cronológico”, <sup>10</sup>a fluir incessantemente. No entanto, <sup>11</sup>a memória e a imaginação humanas criam tempos outros: uma autobiografia recupera o passado, a ficção científica pretende vislumbrar o futuro. No Brasil, muito da força de um <sup>12</sup>José Lins do Rego, de um Manuel Bandeira ou de um Pedro Nava vem do memorialismo artisticamente trabalhado. A própria história nacional <sup>13</sup>sofre os efeitos de uma intervenção no passado: escritores românticos, logo depois da Independência, sentiram necessidade de emprestar ao país um passado glorioso, e recorreram às idealizações do Indianismo.

No cinema, uma das homenagens mais bonitas ao tempo passado é a do filme *Amarcord* (“eu me recordo”, em dialeto italiano), do cineasta Federico Fellini. São lembranças pessoais de uma época dura, quando o fascismo crescia e dominava a Itália. Já um tempo futuro terrivelmente sombrio é projetado no filme “*Blade Runner, o caçador de andróides*”, do diretor Ridley Scott, no cenário futurista de uma metrópole caótica.

Se o relógio da História marca tempos sinistros, o tempo construído pela arte abre-se para a poesia: o tempo do sonho e da fantasia arrebatou multidões no filme *O mágico de Oz* estrelado por Judy Garland e eternizado pelo tema da canção *Além do arco-íris*. Aliás, a arte da música é, sempre, uma habitação especial do tempo: as notas combinam-se, ritmam e produzem melodias, adensando as horas com seu envolvimento.

São diferentes as qualidades do tempo e as circunstâncias de seus respectivos relógios: há o “relógio biológico”, que regula o ritmo do nosso corpo; há o “relógio de ponto”, que controla a presença do trabalhador numa empresa; e há a necessidade de “acertar os relógios”, para combinar uma ação em grupo; há o desafio de “correr contra o relógio”, obrigando-nos à pressa; e há quem “seja como um relógio”, quando extremamente pontual.

<sup>14</sup>Por vezes barateamos o sentido do tempo, <sup>15</sup>tornando-o uma espécie de vazio a preencher: é quando fazemos algo para “passar o tempo”, e apelamos para um jogo, uma brincadeira, um “passatempo” como as palavras cruzadas. Em compensação, nas horas de grande expectativa, queixamo-nos de que “o tempo não passa”. “Tempo é dinheiro” é o lema dos capitalistas e investidores e dos operadores da Bolsa; e é uma obsessão para os atletas olímpicos em busca de recordes.

Nos relógios primitivos, nos cronômetros sofisticados, nos sinos das velhas igrejas, no pulsar do coração e da pressão das artérias, a expressão do tempo se confunde com a evidência mesma do que é vivo. No *tic-tac* da pêndula de um relógio de sala, na casa da avó, os netinhos ouvem inconscientemente o tempo passar. O Big Ben londrino marcou horas terríveis sob o bombardeio nazista. Na passagem de um ano para outro, contamos os últimos dez segundos cantando e festejando, na esperança de um novo tempo, de um ano melhor.

(Péricles Alcântara, inédito)

01. Identifique a função da linguagem do texto acima.

02. Cite a variedade linguística empregada na construção do texto.

03. Por que “tic-tac” está em itálico?

04. Retire do texto um exemplo de metáfora e explique-a.

05. Na referência 8, se o segmento *que dividem e medem as horas* fosse apresentado entre vírgulas, o sentido e a correção originais seriam prejudicados?

06. Qual fator justifica a aproximação entre *José Lins do Rego, Manuel Bandeira e Pedro Nava*?



07. Transcreva, do texto, um exemplo de ANÁFORA.

08. Identifique as tipologias textuais presentes no texto.